O analfabeto: pobreza cognitiva e especificidades de desempenhos em testes de avaliação de personalidade*

ALBA GOMES GUERRA**

1. Introdução; 2. Metodologia; 3. Resultados.

O presente estudo teve por objetivo investigar se o analfabetismo (tomado como privação de uma forma de treinamento sistemático da cognição) leva a desempenhos específicos no Teste de Apercepção Temática (TAT). Esperava-se que o desempenho de analfabetos neste teste fosse caracterizado por uma baixa produtividade imaginativa, por deficiências na capacidade de apresentação do pensamento através de sínteses e por dificuldades na articulação das idéias produzidas. Questionava-se, assim, o uso do TAT em pessoas analfabetas, uma vez que para responder às lâminas exige-se que o indivíduo seja capaz de traduzir em palavras o seu pensar e que o faça dentro das normas estabelecidas pelo próprio teste.

A diversidade de desempenho, segundo o nível de instrução, obtido no Teste de Rorschach pelos sujeitos da amostra da padronização para o Recife (Guerra, 1980) foi o que inspirou a hipótese principal desta pesquisa e assim, inicialmente, esta prova foi aqui usada como subsidiária às análises feitas com o TAT. Em face dos resultados encontrados, o seu papel dentro do presente estudo passou a ter maior destaque nas análises feitas, sugerindo, inclusive, uma hipótese secundária.

Com base nas afirmações constantes na literatura sobre testes perceptoanalíticos, no sentido de que o Rorschach é uma prova mais fácil de ser respondida que o TAT, manteve-se a expectativa de que, naquela, os sujeitos analfabetos teriam melhor desempenho que nesta.

Procurava-se, portanto, verificar qual dos dois instrumentos de avaliação da personalidade (Rorschach ou TAT) era mais indicado para ser empregado em indivíduos analfabetos.

Para tanto, foram analisados 75 relatos do TAT e 2.178 respostas dadas ao Psicodiagnóstico de Rorschach, procurando-se investigar o desempenho dos indivíduos, sobretudo no que tange à capacidade imaginativa e de síntese e à articulação das idéias produzidas.

Os resultados encontrados demonstraram que os processos cognitivos postos em ação na realização do TAT não se mostraram significativamente pre-

* Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Universidade Federal de Pernambuco e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e com a colaboração de Nadja Maria Acioly da Silva, Selma Lemos Leitão, Isabel Pedrosa, Glória Carvalho, Maria da Conceição Lira, Silke Weber e Analúcia Schliemann. (Artigo apresentado à Redação em 25.10.82.)

** Endereço da autora: Rua Manoel Arão, 103 — Espinheiro — 50000 — Recife, PE

judicados pela falta de instrução, não comprometendo, portanto, o desempenho dos analfabetos no teste. Já no Rorschach os efeitos do analfabetismo foram mais evidentes e assim a expectativa inicial não foi confirmada. Tais resultados foram discutidos à luz das regras que orientam o trabalho do examinando *versus* estrutura do estímulo, fatores estes que interagem de modos diferentes nas duas provas, requerendo habilidades cognitivas distintas.

1. Introdução

Esta pesquisa é mais uma tentativa de estudar os efeitos que situações tais como pobreza, analfabetismo, etc., exercem sobre o desempenho dos indivíduos submetidos a processo de avaliação da personalidade. No presente trabalho, procurou-se estudar particularmente o desempenho do analfabeto no teste de Murray (TAT), comparando-se com aquele obtido no Psicodiagnóstico de Rorschach.

Entre especialistas (Bernstein, 1978; Lorenzer, 1976; Bee, 1978, etc.) parece já haver consenso de que a atividade lingüística individual guarda íntima relação com as condições sociais em que se realiza o seu desenvolvimento. Ora, na utilização de testes no Brasil, parece não se levar em conta tal tipo de constatação. É assim freqüente o emprego indiscriminado de testes verbais como o TAT, por exemplo, para qualquer tipo de indivíduo, inclusive aqueles que, em princípio, por não se terem submetido a alguma forma de escolaridade sistemática, não dominariam suficientemente aquelas regras de expressão verbal utilizadas como critério de avaliação dos indicadores de estrutura e funcionamento da personalidade. Desse modo, é provável que se esteja avaliando a personalidade desses indivíduos de maneira inadequada por não se levar em consideração a dificuldade que possam ter de produzirem verbalmente pensamentos organizados segundo parâmetros preestabelecidos.

Com base em protocolos obtidos quando da padronização do Rorschach para o Recife (Guerra, 1980), observou-se que, segundo o nível de instrução (analfabeto ou 2º grau) dos indivíduos, estes produziam uma quantidade diferente de respostas. O grupo com 2º grau de instrução apresentou uma média de 16 respostas por protocolo, enquanto os analfabetos apresentaram uma média de 13 respostas. Feito o cálculo de significância de diferença de média, estes resultados indicaram diferenças significativas ao nível de 0,05.

Assim, constatou-se que a produtividade dos aspectos verbais do funcionamento cognitivo no Rorschach é influenciada pelo nível de instrução dos indivíduos. Supôs-se, então, que a ausência total de instrução (analfabetismo), ao implicar uma falta de treinamento formal da cognição, conduziria a desempenhos típicos nas respostas a provas verbais. Supôs-se ainda que se tal influência foi observada no Rorschach muito mais deveria ocorrer em relação ao TAT, considerando-se que esta prova exige um grau de elaboração maior, ou seja, a produção de idéias, sua ordenação e a sua posterior expressão de modo articulado e seqüenciado. Assim, estava despertado o interesse em estudar os efeitos da alfabetização, tomada como uma forma de treinamento cognitivo que pode ser expressa no desempenho dos indivíduos, quando submetidos ao Teste de Apercepção Temática (TAT) de H. Murray. Segundo Murray (1973) e Shentoub (1971), a realização de um TAT põe em ação, principalmente, os processos cognitivos de linguagem, percepção, imaginação, compreensão, abstração e generalização. Pareceu oportuno indagar sobre a adequação do uso desta prova (sobretudo sem que se disponha de um instrumental que sirva como

quadro de referência à sua interpretação) em pessoas sem treinamento do tipo escolar.

Exigir do indivíduo que pense dentro de certas normas institucionalizadas e traduza em palavras o seu pensar parece envolver um tipo de operação mental que requer um desempenho difícil de ser obtido pelo indivíduo analfabeto. Fantasiar, partindo de estímulos pouco estruturados (lâminas 10, 19, etc.), ou até de uma ausência de estruturação (lâmina 16-branca), parece requerer certa desenvoltura obtida a partir de treinamentos específicos. É evidente que muito já existe na literatura sobre a importância do treinamento para o melhor funcionamento dos aspectos cognitivos da personalidade. Há estudos que chegam a indicar sérias diferenças de comportamento frente ao TAT, quando realizados por indivíduos oriundos de meio sócio-econômico-cultural pouco favorecido como é o caso, por exemplo, dos trabalhos de Fromm & Maccoby (1970) e Lewis (1961). A nível de Brasil, entretanto, nada parece ter sido ainda produzido. Assim, com o material coletado por ocasião da padronização do Rorschach e do TAT para o Recife, foi possível proceder a uma interessante confrontação: a dos desempenhos de indivíduos analfabetos com o dos de 2º grau de instrução, permitindo, inclusive, detectar qual das duas provas (Rorschach ou TAT) é a mais indicada na investigação da personalidade de indivíduos analfabetos. Para tanto, o Rorschach, que inicialmente fora apenas o inspirador da hipótese principal desta pesquisa, passou a ser retomado, com grande peso, no desenvolvimento do trabalho.

Ao longo da coleta de material para efeito da padronização destas duas provas para o Recife, chamou a atenção o fato de que os indivíduos nelas testados expressaram verbalmente maiores dificuldades em responder ao TAT por "não serem portadores de instrução suficiente para tal" (*sic*).

O presente estudo se justifica ainda pelo freqüente uso da prova de Murray (TAT) pela comunidade profissional local, sem nenhuma preocupação em considerar, na avaliação da estrutura da personalidade, as características de grande parte da população do Recife, pouco diferenciada social e culturalmente.

A hipótese principal do presente estudo assim se apresenta: o analfabetismo (tomado como privação de uma forma de treinamento sistemático da cognição) leva a desempenhos específicos no TAT, caracterizados por uma baixa produtividade imaginativa, deficiências na capacidade de apresentação do pensamento através de sínteses e na articulação das idéias produzidas. A hipótese secundária consistiu em comparar estes desempenhos específicos nas duas provas (Rorschach e TAT).

Apesar de admitir que a falta de condições cognitivas para bem responder ao TAT decorre, sobretudo, de uma falta de estimulação geral, relacionada às próprias condições de vida das camadas de baixa renda, selecionou-se um tipo específico de estimulação (o processo de alfabetização) para investigar os seus efeitos sobre o desempenho nesta prova.

2. **Metodologia**

2.1 *Amostra*

Para compor o grupo de investigação, foram inicialmente selecionados todos os analfabetos que integram a amostra da padronização do TAT para o Recife.

Neste levantamento foram encontrados 15 mulheres e um homem. Considerando que somente um protocolo do sexo masculino não apoiaria um estudo mais consistente enfocando a variável sexo, desprezou-se este único protocolo de homem encontrado, trabalhando-se apenas com as mulheres.

Para o confronto de desempenhos entre sujeitos analfabetos com os de 2º grau de instrução, sorteou-se, dentre os protocolos de mulheres do 2º grau, igual número aos de analfabetos (15); portanto, trabalhou-se ao todo com 30 protocolos de TAT.

Estudar o desempenho, no Rorschach, obtido por indivíduos de diferentes níveis de instrução tornou-se necessário nesta pesquisa não apenas pelo fato de ter sido a diferença quantitativa de respostas dadas a esta prova pelos sujeitos integrantes da amostra da padronização, segundo o nível de instrução, o que inspirou a hipótese principal da mesma, mas, sobretudo, porque todos os aspectos investigados com o TAT também o deveriam ser com o Rorschach, a fim de se poder saber qual das duas provas seria mais indicada para o estudo da personalidade de sujeitos analfabetos, conforme sugerido pela hipótese secundária. Para tanto, procedeu-se da seguinte forma na determinação da amostra a ser constituída com os protocolos de Rorschach: foram retirados do material da padronização para o Recife todos os protocolos de sujeitos analfabetos e de 2º grau de instrução, que na totalidade (139) passaram a compor a amostra desta pesquisa. Trabalhou-se, portanto, com dois protocolos de homens e 15 de mulheres analfabetos e, ainda, 40 de homens e 82 de mulheres do 2º grau.

Não se eliminaram da amostra do Rorschach os protocolos dos homens porque as médias de respostas, de globais, de cinestesias, de cinestesias humanas e de conteúdos diferentes, para homens e para mulheres, foram praticamente as mesmas, não se encontrando, portanto, nenhuma diferença significativa entre sexos.

2.2 *Material*

A partir do objetivo central desta pesquisa, qual seja, verificar os efeitos da alfabetização sobre o desempenho no TAT, considerando-a um tipo de estimulação e/ou de treinamento cognitivo que de certo modo influencia as condições cognitivas posteriores, decidiu-se que o procedimento de análise a ser adotado para com os relatos produzidos pelos indivíduos deveria ser o mais exaustivo possível, ao nível, sobretudo, de abordagens qualitativas. Para tanto, trabalhou-se apenas com algumas das histórias que compunham o protocolo de cada sujeito, analisando-se cada uma em maior profundidade do que seria permitido, caso todas as histórias fossem incluídas na análise. As lâminas escolhidas foram: 2(2ª), 4(4ª) e 16(13ª). Os critérios adotados para escolha destas três lâminas foram os seguintes: a) bom desempenho nelas obtido pelos sujeitos por ocasião da padronização (ficara então demonstrado que as dificuldades afetivas por elas suscitadas foram satisfatoriamente controladas pelos mecanismos racionais da personalidade); b) o conteúdo latente mobilizado por estas lâminas — as lâminas 2(2ª) e 4(4ª) investigam a estruturação das relações humanas que se dá a partir das vivências das relações dual e triangular ao longo das diversas etapas do desenvolvimento afetivo, sendo este um dos aspectos fundamentais entre os que o teste se propõe a investigar; c) suscitar pensamento organizado a partir de estímulo não estruturado (lâmina 16-branca).

Assim, selecionaram-se, ao todo, 90 relatos do TAT e 2.178 respostas dadas ao Psicodiagnóstico de Rorschach em 139 protocolos. Não se fez necessário reduzir a quantidade de protocolos de Rorschach, porque a análise qualitativa para eles indicada, segundo as exigências básicas deste estudo, era de nível menos exaustivo que a requerida pelo TAT.

Dos 90 relatos de TAT trabalhou-se apenas com 75, por serem estes os que atenderam aos critérios estabelecidos na padronização do que seriam relatos analisáveis, ou seja, elaborações que apresentassem um enredo, interação afetiva e dimensões temporais.

2.3 *Procedimento*

Os relatos do TAT foram analisados tendo-se por objetivo colher dados sobre:

a) a capacidade imaginativa;

b) a capacidade de síntese;

c) a articulação das idéias.

A capacidade imaginativa foi investigada através da quantidade de idéias contidas no relato.

Considerou-se idéia um pensamento expresso que comunicasse algo novo ao relato. Cada frase, em princípio, foi considerada uma idéia; porém, uma mesma frase poderia expressar mais de uma idéia, isto é, trazer mais de um dado novo.

Para identificar mais de uma idéia expressa numa só frase, considerou-se o seguinte: se uma parte da frase pudesse ser substituída por outra expressão qualquer, sem alterar o sentido inicial da frase, isto indicaria ser (a parte substituída) uma idéia independente. Caso a substituição comprometesse o sentido inicial do pensamento, isto indicaria ser uma única idéia.

Vale ressaltar que não foram consideradas idéias:

a) expressões do narrador intercaladas no relato, alusivas à situação de teste e/ou a comentários de sua vida pessoal concreta;

b) descrição das figuras da lâmina (as descrições foram anotadas para serem posteriormente contadas na investigação da capacidade de síntese do narrador, mas sem indicarem novas idéias).

Quanto à repetição de idéias, estas foram anotadas tantas vezes quantas foram repetidas (para investigação da capacidade de síntese), mas computadas como uma só idéia.

Para investigar a capacidade de síntese (entendida como a habilidade de expressar muitas idéias com poucas palavras), procurou-se verificar a quantidade de palavras usadas no relato, incluindo repetições de idéias, descrições de figuras da lâmina e idéias novas. Posteriormente, estabeleceu-se a média do total de palavras usadas em cada relato em relação à quantidade de idéias nele ex-

pressas. Assim, o indivíduo seria tanto mais sintético quanto menos palavras usasse na expressão de cada idéia.

Finalmente, procedeu-se à análise da articulação das idéias, considerada presente quando o conteúdo das idéias expressas se mostrasse vinculado, pelo sentido, às idéias anteriores e subseqüentes, havendo ou não o uso de conectivos, partículas lógicas. Estas, quando presentes, adequadamente, expressariam formalmente este vínculo.

Os protocolos de Rorschach utilizados como instrumento comparativo foram estudados também objetivando-se informações sobre a capacidade imaginativa e de síntese dos indivíduos. Para tanto, procurou-se detectar em cada grupo de sujeitos (analfabetos e de 2º grau de instrução) os mais expressivos indicadores da cognição aferidos através do Rorschach.

Para investigação da capacidade imaginativa considerou-se:

a) quantidade de respostas dadas ao teste;

b) quantidade de categorias de conteúdos diferentes;

c) quantidade e qualidade das respostas cinestésicas e, especificamente, as cinestesias humanas.

A capacidade de síntese foi investigada através da quantidade e qualidade das respostas globais (primária, secundária, adequada e inadequada). Segundo Bochner e Halpern, citados por Anzieu (1978, p. 64), "o número de respostas globais em um protocolo de adulto normal cresce em função do treinamento do raciocínio lógico".

Pelo tipo de solicitação feita com as normas de aplicação do Rorschach (dizer apenas com que as manchas parecem, onde palavras isoladas podem respondê-lo), não permite este que se analise a articulação das idéias produzidas.

Assim, a apuração destes indicadores do funcionamento da cognição permitiu comparar a *performance* dos grupos estudados, bem como confrontar os resultados com aqueles obtidos no TAT por idênticas categorias de indivíduos (analfabeto e de 2º grau de instrução).

3. **Resultados**

3.1 *Apresentação dos dados*

Neste subitem os resultados serão apenas apresentados de modo mais descritivo, ficando para o subitem 3.2 as reflexões por eles suscitadas.

Convém salientar que, para as hipóteses formuladas, o nível de significância considerado para rejeição da hipótese nula foi de 5%.

Conforme já foi assinalado, a hipótese básica deste estudo é que o analfabetismo (tomado como privação de uma forma de treinamento sistemática da cognição) leva a desempenhos específicos no TAT caracterizados por uma baixa produtividade imaginativa, deficiência na capacidade de apresentação do pensamento através de sínteses e dificuldades na articulação das idéias produzidas.

Considerando, inicialmente, os resultados em termos percentuais, constatou-se que, do total de relatos possíveis de serem analisados (75, sendo 37 de

analfabetos e 38 do 2º grau) porque preencheram os requisitos estabelecidos e anteriormente citados, 49% foram do grupo de analfabetos (formado por 15 sujeitos) e 51% do de 2º grau (15 sujeitos). Do total de idéias produzidas no TAT (832) pelos dois grupos, 42% (354) foram de analfabetos e 58% (478) de sujeitos do 2º grau. Destas, os analfabetos produziram 42% (340) articuladas e os do 2º grau 58% (478). Quanto a idéias desarticuladas, ocorreram apenas 4% (14) no grupo de analfabetos.

Com relação ao Rorschach, do total de 2.178 respostas, 10% (211) foram dadas pelos 17 sujeitos analfabetos, enquanto 90% (1.967) foram dadas pelos 122 sujeitos do 2º grau.

Das 2.178 respostas globais produzidas pelos dois grupos, 36% (75) foram dadas pelos 17 sujeitos analfabetos e 33% (650) foram dadas pelos 122 sujeitos do 2º grau. Das respostas cinestésicas (497) produzidas pelos dois grupos, 18% (38) foram de analfabetos e 23% (459) de indivíduos com 2º grau de instrução. Destes 0,9% (2) foram de cinestesias humanas dadas pelos analfabetos e 6% (112) de cinestesias humanas dadas pelos sujeitos do 2º grau. Dos 211 conteúdos referidos pelos analfabetos, 43% (91) foram de tipos diferentes; dos 1.967 referidos pelos sujeitos do 2º grau, 35% (689) foram de tipos diferentes.

Observe-se que, quanto à cinestesia, o grupo de analfabetos teve mais dificuldade em utilizar este tipo de determinante em suas respostas.

Os dados obtidos com o TAT são apresentados na tabela 1. Analisando-se especificamente as colunas que contêm a média global por grupo, vê-se que há, em todos os casos, mais baixa produção dos analfabetos em relação ao grupo do 2º grau. Entretanto, o cálculo do *t* de Student para cada um dos casos (média de idéias, média de palavras por idéia e média de idéias articuladas) revela que tais diferenças não são significativas.

Fica, assim, demonstrado que no TAT indivíduos analfabetos comparados àqueles com 2º grau de instrução não diferem quanto à capacidade imaginativa, à capacidade de síntese e à articulação das idéias.

Observe-se que idéias desarticuladas foram pouco incidentes, aparecendo apenas 14 (em 211), ou seja, 4% no grupo de analfabetos.

Tomando-se a produção de idéias mais ou menos articuladas como uma decorrência de maior ou menor apuro do pensamento lógico, deve-se levar em consideração que, aqui, os sujeitos tiveram liberdade total para construir e apresentar suas idéias, o que lhes permitia, quando necessário, apelarem para um nível menos elaborado de construção, de modo a garantir a ordenação do discurso. Cada sujeito era ao mesmo tempo produtor e ouvinte das suas histórias e, portanto, juiz de sua própria produção. Não se pode esquecer que o critério de análise adotado para este item não levava em consideração a qualidade das idéias produzidas mas tão-somente a quantidade.

Em trabalho subseqüente poder-se-ia investigar também a qualidade das idéias. Para tanto, seria melhor que o registro das histórias fosse feito com gravador a fim de evitar a possibilidade de interferência do aplicador na tomada de dados.

As demais colunas da tabela 1 demonstram que, com relação às três lâminas usadas, os dois grupos tiveram mais facilidade em trabalhar a lâmina 13 (branca). Nesta, a capacidade imaginativa é bem mais solicitada que nas lâminas onde há imagens. O mais baixo nível de estruturação dos estímulos, enquanto permitindo uma liberdade de respostas, parece então haver levado a uma maior produção.

Tabela 1

Média do número de idéias, de palavras por idéia e de articulação e desarticulação destas, segundo o grau de instrução e as lâminas do TAT

Grau de instrução	Lâminas												Média global por grupo			
	2				4				13							
	Idéias	Palavras por idéia	Articulação de idéias		Idéias	Palavras por idéia	Articulação de idéias		Idéias	Palavras por idéia	Articulação de idéias		Idéias	Palavras por idéia	Articulação de idéias	
			Sim	Não			Sim	Não			Sim	Não			Sim	Não
Analfabetos	9,8	5,4	8,9	0,9	7,6	5,6	7,3	0,3	11,8	5,7	11,8	—	9,6	5,6	9,2	0,4
2.° grau	12,5	5,5	12,5	—	9,9	5,7	9,9	—	16,4	5,7	16,4	—	12,6	5,6	12,6	—
Média global por lâmina	11,1	5,5	10,7	0,4	8,7	5,7	8,6	0,1	14,1	5,7	14,1	—	11,1	5,6	10,9	0,2

Obs.: o *N* de cada lâmina corresponde ao número de relatos trabalhados para o cálculo de todas as colunas. Assim:

Analfabeto	2.° grau
Lâ 2 — 10	Lâ 2 — 14
Lâ 4 — 15	Lâ 4 — 14
Lâ 13 — 12	Lâ 13 — 10

Como já foi dito, procedeu-se também à análise de protocolos de Rorschach de sujeitos analfabetos e com 2º grau de instrução, objetivando-se uma comparação de desempenhos entre as duas provas no tocante aos indicadores da capacidade de imaginação e de síntese.

A tabela 2 apresenta os resultados alusivos à imaginação.

Tabela 2

Média de respostas indicadoras da capacidade imaginativa, dadas ao TAT e ao Rorschach por indivíduos analfabetos e com 2º grau de instrução

Grau de instrução	Imaginação			
	Indicador no TAT	Indicadores no Rorschach		
	Média de idéia por grupo	Número médio de resposta	Número médio de conteúdos diferentes	Número médio de cinestesias
Analfabetos	9,6	12,5	4,1	2,2
2º grau	12,6	16,1	5,6	3,8
Total	11,1	14,3	4,9	3,0

Os resultados dos dois grupos (analfabeto e 2º grau) mostraram-se significativamente diferentes quanto aos três indicadores da capacidade imaginativa aferidos com o Teste de Rorschach. O t de Student obtido para cada caso, com 137 graus de liberdade, foi:

a) para a média de resposta, $t = 1{,}7$ (significativo ao nível de 5%);

b) para a média de conteúdos diferentes, $t = 3$ (significativo ao nível de 1%);

c) para a média de cinestesias, $t = 2{,}1$ (significativo ao nível de 2,5%).

A média de idéias por grupo no TAT (dados contidos na primeira coluna da tabela 2) não apresentou diferença significativa em relação aos grupos, conforme foi dito anteriormente.

De acordo com os resultados expostos, o Teste de Rorschach, diferentemente do TAT, revelou-se vulnerável aos efeitos do analfabetismo na aferição dos indicadores da capacidade imaginativa.

Analisando-se agora a capacidade de síntese, segundo os indicadores aferidos com o Rorschach e com o TAT, observa-se que esta capacidade não sofreu influência do grau de instrução, conforme se pode observar na tabela 3.

Tabela 3

Média de respostas indicadoras da capacidade de síntese, dadas ao TAT e ao Rorschach, por indivíduos analfabetos e com 2º grau de instrução

Grau de instrução	Capacidade de síntese	
	Indicadores no TAT	Indicadores no Rorschach
	Número médio de palavras por idéia	Número médio de respostas globais
Analfabetos	5,6	4,4
2º grau	5,6	5,3
Total	5,6	5,2

Como mostra a tabela 3, para a capacidade de síntese não houve diferença entre a média do grupo de analfabetos e a média do grupo do 2º grau, nos indicadores do TAT. Quanto aos indicadores do Rorschach, a diferença encontrada não foi significativa ($t = 1$, com 137 gl, $p > 10\%$).

Na tabela 4 serão apresentados os aspectos qualitativos dos cinco indicadores do funcionamento cognitivo detectados através do Rorschach e do TAT e aqui analisados como meio para testar a hipótese principal desta pesquisa. No TAT será observada a articulação das idéias produzidas e no Rorschach, o caráter primário ou secundário das globais, a adequação, inadequação ou imprecisão das cinestesias e das respostas formais.

As cinestesias de modo geral foram mais utilizadas de maneira adequada pelos analfabetos. Porém, em se tratando da cinestesia humana teve-se o inverso, isto é, o maior índice de adequação neste tipo de determinante de resposta foi observado no grupo do 2º grau. Ora, se, de um lado, as cinestesias humanas adequadas indicam (Rorschach, 1967) maior potencial de inteligência enquanto supõe capacidade de abstração e elaboração, bem como maturidade da imaginação entre si mesmo e os demais, bem como a capacidade de penetração interior, o nível de maturidade sócio-afetiva do indivíduo, a possibilidade de diferenciação entre si mesmo e os demais, bem como a capacidade de penetração interior, condição para uma volta aos semelhantes em nível mais estável e profundo (Guerra, 1977). Estaria nos resultados encontrados, mais uma vez, um dado para se refletir, qual seja: seria o comprometimento dos aspectos emocionais da personalidade, interferindo sobre o desempenho cognitivo, o que teria feito com que aqueles indivíduos (analfabetos) que foram capazes de dar um bom número de respostas ao Rorschach com determinante cinestésico adequado não o fossem, contudo, ao se tratar da cinestesia humana?

Não se pode esquecer que esses indicadores do Rorschach, pela diversidade de processos que suscitam, não têm um significado psicológico único. Aqui foi

Tabela 4

Percentagens dos aspectos qualitativos dos indicadores cognitivos no TAT e Rorschach, segundo o grau de instrução

Aspecto qualitativo dos indicadores cognitivos / Grau de instrução	Qualidade das idéias		Respostas globais			Cinestesias				Cinestesias humanas			Respostas F			
	Articuladas	Desarticuladas	Primárias	Secundárias	Total	Adequadas	Inadequadas	Imprecisas	Total	Adequadas	Inadequadas	Total	F+	F—	F±	Total
Analfabeto	96,0	4,0	90,7	9,3	35,5	80,6	16,7	2,7	17,1	50,0	50,0	0,9	45,8	44,4	9,7	79,6
2.° grau	100,0	—	87,5	12,5	33,0	68,9	21,6	9,5	17,6	77,0	22,3	5,7	42,4	43,7	13,8	69,5
Total	98,0	2,0	89,1	10,9	34,3	74,8	19,2	6,1	17,4	63,5	36,2	3,3	44,1	44,1	11,8	74,6

ressaltado apenas o significado mais específico de cada um deles enquanto ligado ao funcionamento cognitivo.

3.2. *Discussão*

Da análise dos resultados conclui-se que a hipótese principal deste estudo não foi confirmada. Portanto, o analfabetismo, tomado como privação de uma forma de treinamento sistemático da cognição, não modifica o desempenho no TAT no que diz respeito à produtividade imaginativa, à capacidade de apresentação do pensamento de modo sintético, bem como à articulação das idéias produzidas.

Diante destes resultados, inúmeras são as questões que se colocam, sobretudo considerando que nesta pesquisa a análise destes mesmos itens, feita a partir dos dados obtidos com o Psicodiagnóstico de Rorschach, mostrou diferença significativa no desempenho dos grupos segundo o nível de instrução. Isto é, os efeitos do analfabetismo sobre a produção imaginativa se fizeram sentir no Rorschach e não no TAT.

Os resultados encontrados no presente estudo põem assim em questão afirmativas constantes na literatura sobre os instrumentos de avaliação da personalidade, quando enfatizam que, como complexidade de tarefa, ao nível de desempenho intelectual, responder ao TAT é mais difícil do que responder ao Rorschach. Existem, evidentemente, diferenças essenciais nas duas provas e não somente quanto à natureza do material (Rorschach: manchas, borrões de tinta sem formas precisas; TAT: cenas da vida quotidiana, comum a qualquer indivíduo).

No Teste de Rorschach, além de o material ser algo distante da vida do indivíduo por falta de um sentido de relação explicitamente definido, as regras que norteiam o modo de respondê-lo requerem capacidade para estabelecer um padrão de comparação, considerando a realidade objetiva e estabelecendo suas semelhanças.

No momento em que se pede ao indivíduo para dizer com que as manchas de tinta parecem, mesmo se afirmando que "não existe uma resposta certa nem errada", está o indivíduo solicitado a fazer um julgamento, o que pressupõe uma capacidade de estabelecer semelhanças entre as manchas e coisas do mundo empírico. Se não for capaz de detectar os elementos de semelhança entre o já visto e a mancha, concluirá facilmente que não está acertando a tarefa, e isto, ao tender ser vivido como uma ameaça, poderá comprometer o seu desempenho no teste. Assim, o Teste de Rorschach parece ser mais claramente percebido pelo indivíduo como uma situação de avaliação do que o TAT. De fato, no TAT as normas que orientam o modo de trabalhar constituem-se em algo bem mais familiar ao sujeito. Utilizando-se estímulos que reproduzem cenas da vida diária, pede-se que invente como vivem, o que sentem e o que fazem os personagens das referidas cenas no seu dia-a-dia.

Contar histórias pode ser um hábito, até mesmo uma diversão para certas pessoas, certas famílias, certos grupos sociais, etc.; assim, responder ao TAT pode vir a ser uma tarefa rotineira. Ao nível do conteúdo manifesto, observa-se que a maneira proposta ao sujeito para responder ao TAT é análoga à sua reação diária no ambiente familiar e social — viver e contar acontecimentos.

Não cabe aqui se contestar Shentoub (1971) por afirmar que o TAT põe em ação grande número de processos cognitivos, tais como: linguagem, percep-

ção, imaginação, compreensão, abstração, generalização, etc. Parece evidente que no teste, de fato, são eles ativados. Mas o que merece ser discutido é que, mesmo o TAT exigindo ação de estruturas cognitivas mais complexas, o que nele se requer do sujeito é facilitador, já que a partir de estímulos bem próximos do cenário diário de sua vida, a tarefa sugerida não o expõe a possíveis falhas no julgamento crítico da realidade, como faz o Rorschach. Neste, "manchas que não são iguais a nada mas que lembram coisa que já se viu" — aspecto enfocado nas instruções de sua administração — se exige do indivíduo maior capacidade para operar em termos abstratos, o que por sua vez requer o uso de conceitos e símbolos abstratos. Ora, o analfabeto, por esta própria condição, seria pouco habituado a lidar com conteúdos mais abstratos deste tipo.

A experiência do analfabeto em abstrair no dia-a-dia as suas vivências é em geral de ordem mais concreta do que aquela solicitada pelo Rorschach.

Partindo-se de postulados teóricos da psicologia da aprendizagem e/ou de observações empíricas, tem-se que o treino favorece o desempenho. Assim, em princípio, seria a escola um dos campos propícios para o exercício sistemático das funções cognitivas, em especial aquelas mais complexas como, por exemplo, a abstração. Seria na escola, sobretudo, que o indivíduo desenvolveria a sua capacidade para lidar com uma grande quantidade de símbolos, tais como letras, palavras, números, etc. O indivíduo analfabeto, sendo privado deste treinamento, não estaria apto para abstrair nos moldes do que o Rorschach exige. No dia-a-dia, por mais alto que seja o índice de abstração posto em ação, o desencadeante é sempre algo mais concreto e objetivo.

Um outro aspecto a considerar é que o bom desempenho no TAT pode ser obtido através de histórias pouco criativas. O indivíduo pode, por exemplo, evocar fatos de sua vida real, de amigos e vizinhos, trabalhá-los com certo disfarce, distorcendo os pontos que permitiriam o seu reconhecimento e deste modo produzir um bom número de idéias. Se o teste pode ser satisfatoriamente respondido utilizando-se de tais recursos, o ser ou não alfabetizado torna-se secundário, pesando mais a influência do meio sócio-cultural em que vive, que poderá ativar mais a imaginação criadora ou a reprodutora.

Dando à questão um enfoque mais afetivo do que cognitivo, é possível admitir que a estruturação de um relato por parte de um indivíduo, a partir de um estímulo, pode ser essencialmente um ato de organização interna. E esta organização, como diz Anzieu (1978), poderá resultar da autonomia do ego, da sua função de síntese e de integração entre representação e afeto ativados pelos estímulos. Neste sentido, produzir mais ou menos idéias dependerá de como o ego se coloque diante dos conflitos, do seu esforço para ultrapassá-los, de suas condições para resolver as tensões provocadas pelos estímulos, da eficácia de suas defesas enquanto permitindo produzir um texto, que terá no seu conteúdo latente o produto da fantasia inconsciente e no conteúdo manifesto a fantasia consciente. Assim, o texto de um relato de TAT demonstra como o ego metaboliza a fantasia inconsciente, isto é, as representações e os afetos (Shentoub, 1971). Com isto não se desconhece o quanto é necessário que o indivíduo possua também bom vocabulário, portanto certa habilidade na utilização de símbolos verbais, pois no TAT, como em qualquer prova verbal, a palavra constitui-se no único meio de representação das idéias.

Aprofundar este nível mais dinâmico de análise requereria que se fizesse um estudo vertical de caso, utilizando-se toda uma interpretação bem mais qualitativa dos protocolos. Tal estudo foi pensado no projeto inicial desta pesquisa

para ser realizado somente no caso de a hipótese principal vir a ser confirmada. Seu objetivo seria investigar núcleos da personalidade (conflitos dominantes e mecanismos de adaptação utilizados) a fim de se verificar, sobretudo, os seguintes aspectos:

a) se a despeito dos prejuízos causados no desempenho do teste pela pobreza cognitiva, até que ponto seria possível apreender, através do material nele produzido, indicadores do tipo de funcionamento afetivo;

b) quais as relações entre a estrutura e o funcionamento da afetividade e da cognição, ou seja: se a certos modos de funcionamento da área cognitiva da personalidade corresponderiam certos modos de funcionamento da área afetiva. Por exemplo: indivíduos intelectualmente menos desenvolvidos utilizariam mais freqüentemente mecanismos primários de defesa? Esta abordagem daria também indicadores do nível de autonomia do ego.

Em face dos resultados aqui encontrados, tais questões parecem ter ficado um tanto prejudicadas.

Outro resultado que vale ser ressaltado diz respeito à quantidade de idéias produzidas pelos dois grupos frente à lâmina 16(branca) no TAT. Comparando-se esta lâmina às demais aplicadas, observou-se nela um aumento de produção de idéias — isto é, tanto os sujeitos analfabetos quanto os de 2º grau de instrução tiveram mais facilidade em responder ao estímulo que não apresentava nenhum nível de estruturação (papel branco). Ora, não fosse este dado, poder-se-ia pensar que a diferença de produção observada no Rorschach e não no TAT, em relação ao nível de instrução dos sujeitos, poderia ser resultado do maior grau de estruturação do TAT em relação ao Rorschach. Entretanto, a lâmina 16 serviu de controle, cujos resultados excluem tal hipótese. Outra vez o que levou a diferenças (embora ambos os grupos tenham produzido mais nela) parecem ter sido essencialmente as normas ou instrução de como se deveria trabalhar. Mesmo na lâmina em branco pede-se ao sujeito para fantasiar, inventar personagens e falar sobre eles, enquanto no Rorschach, quer a lâmina seja mais ou menos estruturada, pede-se ao sujeito para lembrar com que parece; apela-se para que ele busque, no seu repertório de memória, imagens-lembranças que sejam adequadas às manchas de tinta. Portanto, poder-se-ia talvez até afirmar, com base na maior produção obtida na lâmina em branco, que um estímulo não estruturado é mais fácil de ser respondido e, por conseguinte, não dependeria do nível de instrução.

Vale destacar que, ao se fazer tal afirmação, não se está dando ênfase à ação dos fatores afetivos na percepção. Sem esta ressalva, poder-se-ia pensar o contrário, isto é, que quanto menos estruturado o estímulo mais ele exige do indivíduo a ativação de fatores afetivos e, portanto, maior vulnerabilidade à ansiedade, o que prejudicaria o seu desempenho. Não que o estímulo pouco estruturado catalise, por isso, ansiedade, mas porque ele exige que o sujeito busque modos pessoais de resposta. E esta busca de resposta para uma nova situação relacional é o que pode desencadear um aumento de ansiedade (Bellak).

O nível de instrução poderá interferir apenas no que tange às normas que orientam o processo de formulação das respostas. Não se trata aqui do aspecto formal de tais normas, mas do seu conteúdo, isto é, a "o que" é pedido e não "ao como" é pedido.

Mesmo admitindo-se que nem sempre as pessoas verbalizam o que de fato estão experimentando com maior intensidade, procurou-se entender a dificuldade

verbalizada mais freqüentemente na aplicação do TAT do que na do Rorschach (quando da padronização das duas provas para o Recife), como numa decorrência das normas de trabalho que se estabelecem. De fato, a maior restrição contida nas instruções do Rorschach parece dificultar a verbalização do mal-estar que possa ser suscitado pela tarefa, o mesmo, conforme já assinalado, não ocorrendo com o TAT, em que as normas de aplicação são menos restritivas.

Os resultados aqui apresentados demonstram o cuidado que se deve ter no uso de instrumentos de avaliação de personalidade. O que se pede ao sujeito pode interferir seriamente nos dados obtidos e conduzir o investigador a conclusões distorcidas. Por exemplo: o reduzido número de respostas dadas ao Rorschach pode ser interpretado, segundo o próprio autor do teste, como inibição ou mesmo rigidez dos processos associativos devidos a transtornos emocionais, acentuados estados depressivos e até mesmo a lesões corticais. Ora, pode ocorrer que nada disto esteja em jogo, mas tão-somente dificuldades especificamente ligadas às normas de trabalho por conta do nível de instrução do sujeito, como ficou demonstrado pelo desempenho alcançado pelos integrantes da amostra desta pesquisa.

Abstract

Our aim was to investigate if illiteracy (seen as deprivation of a form of systematic training of cognition) leads to specific performances in the Thematic Aperception Test (TAT). We expected the performance of illiterates in this test to show a low imaginative productivity, disabilities in the capacity of presenting thought through synthesis, and difficulties in coordinating the ideas that are produced. We questioned thus the employment of TAT among illiterate people, considering that in order to give answers to the pictures the individual is required to translate his thoughts into words, and in a way which follows rules established by the test itself.

The variety in performance associated to level of instruction, observed among the subjects who composed the sample for standardization of the Rorschach Test for the city of Recife (Guerra, 1980), led us to formulate our main hypothesis presented above. This evidence was thus taken in our project, at first as subsidiary for the analysis of the answers given to the TAT test. In view of the obtained results, its role in the present study was stressed in the analysis carried out, suggesting a secondary hypothesis.

Based on the assertions available in the literature about percepto-analytical tests, which state that the Roschach Test is easier to respond than the TAT test, we kept expecting illiterates to show a better performance in the former than in the latter test.

We tried therefore to verify which of these two tools for evaluation of the personality structure was more appropriate to be employed among illiterates.

Seventy-five reports of TAT and 2.178 answers given to the Rorschach Test were analysed. This analysis concerned mainly the capacity of synthesis and imagination, and the coordination of ideas.

Our results show that the cognitive processes operating in answering the TAT test did not appear to be significantly damaged in consequence of lack of instruction since the performance of illiterates on this test was not affected. However, in the Rorschach Test the effects of illiteracy were more evident, and thus our first expectation was not confirmed.

This results were discussed in the light of the rules which guide the examinee's work versus those concerning stimulus structure, which are factors that interact distinctly in the two tests, requiring different cognitive abilities.

Referências bibliográficas

Abt, L. E. & Bellak, L. *Psicología projectiva*. Buenos Aires, Paidós, 1967.

Anzieu, D. *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro, Campus, 1978.

Bee, H. *Psicologia do desenvolvimento;* questões sociais. Rio de Janeiro, Interamericana, 1978.

Bernstein, B Comunicação verbal, código e socialização. In: Cohn, G. *Comunicação cultural*. São Paulo, Nacional, 1978.

Butcher, H. J. *A inteligência humana*. São Paulo, Perspectiva, 1972.

Fromm, E. & Maccoby, M. *Caráter social de uma aldeia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

Greene, J. *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

Guerra, A. G. *O Teste de Zulliger;* uma experiência brasileira. Rio de Janeiro, CEPA, 1977.

——— *O psicodiagnóstico de H. Rorschach;* atlas e dicionário. Petrópolis, Vozes, 1980.

——— & Sette, G. Algumas características de componentes da estrutura da personalidade de indivíduos de baixa renda com dificuldades de relacionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada,* Rio de Janeiro, *31*(1):91-120, jan./mar. 1979. *31*(3):103-19, jul./set. 1979.

Lewis, O. *Antropologia de la pobreza*. Buenos Aires, Fundo de Cultura Econômica, 1961.

Lorenzer, A. *Bases para uma teoría de la socialización*. Buenos Aires, Amorrortu 1976.

Marcuschi, L. A. *Linguagem e classes sociais*. Porto Alegre, Movimento, 1975.

Murray, H. *Test de Aperceptión Temática*. Buenos Aires, Paidós, 1973.

Ocampo, M. L. S. et alii. *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo, Martins Fontes, 1981.

Piaget, J. A linguagem e as operações intelectuais. In: ——— et alii. *Problemas de psicolingüística*. São Paulo, Mestre Jou, 1973.

Rorschach, H. *Psicodiagnóstico*. São Paulo, Mestre Jou, 1967.

Shentoub, V. Fondements theoriques du processus TAT. *Bulletin de Psychologie,* Paris, PUF, *292*(24):12-5, 1971.

———. Introdution théorique à la methode du TAT. *Bulletin de Psychologie,* Paris, PUF, *305,* 1973.